



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS**

A ATUALIZAÇÃO DA LEITURA DE *OS LUSÍADAS*

**Leonardo Soares Gouveia Martins**

Brasília, 2020

LEONARDO SOARES GOUVEIA MARTINS

A ATUALIZAÇÃO DA LEITURA DE *OS LUSÍADAS*

Monografia apresentada ao programa de Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção dos títulos de Licenciada e Bacharela em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dr.<sup>a</sup>. Lúcia Helena Marques Ribeiro

Brasília-DF

2020

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família:

O meu grande companheiro de vida, Alcemir Honorato dos Santos Júnior, por me dar razão para viver, todos os dias.

Os nossos filhos felinos - Guerreiro, o qual aguardamos rever na outra vida; e Luna, que nos alegra diariamente.

Gostaria de agradecer também à minha orientadora, a professora Lúcia Helena Marques Ribeiro, pelos ensinamentos, pela paciência e pela dedicação para que eu conseguisse realizar este trabalho.

*Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos.*

Italo Calvino

## SUMÁRIO

Resumo / 6  
Abstract / 7  
Introdução / 8

1 O universo poético e narrativo de *Os Lusíadas* / 9  
2 O Olimpo, deuses nórdicos, mangás, vampiros: o quadro editorial e midiático das últimas décadas / 16  
3 *Os Lusíadas* e a atualização da leitura / 27

Conclusão / 40  
Referências Bibliográficas / 41

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover uma releitura de *Os Lusíadas* tendo como base uma pesquisa de tendências do atual mercado editorial, respaldando-se nas afirmações de especialistas do assunto a fim de perceber quais são os elementos atrativos de uma obra de arte, os quais estão presentes também na epopeia camoniana, e por meio disso comparar o texto de Camões com obras da chamada literatura de massa, trazendo assim à luz uma nova visão sobre o clássico português para os leitores da atualidade.

Palavras-chave: Os Lusíadas; *Mass media*; Jovens leitores.

## ABSTRACT

This work tends to promote a new read for *Os Lusíadas*, basing on a research of the actual publish market's tendencies, showing specialist's affirmations about this and discovering an art work attractive's elements, which are in the Camões' epic too; and comparing this poem with mass literature's works, bringing then a new vision about the Portuguese classic for the actual readers.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo propor uma atualização da leitura de *Os Lusíadas* a partir de comparações com obras contemporâneas que ganharam popularidade dentro do público adolescente e adulto através de publicações e versões na mídia. Dessa maneira, a ideia será provocar uma releitura da obra sob uma ótica que direciona para os elementos que sejam atraentes para o leitor do século XXI, auxiliando assim a sua perpetuação não apenas como integrante do cânone literário de língua portuguesa, mas também como uma leitura prazerosa e, conseqüentemente, auxiliando também na sua abordagem em sala de aula.

Para tal, é proposta também deste trabalho apresentar o universo poético e narrativo de *Os Lusíadas*, analisar o fenômeno editorial e midiático de resgate de narrativas de viagens e de mitos clássicos e medievais das últimas décadas, e ainda analisar as possibilidades de atualização da leitura da obra dentro das propostas contemporâneas.

Em um primeiro momento, apresentaremos um resumo sucinto da epopeia, apresentando seus aspectos literários estruturais e narrativos. Após, aprofundaremos uma análise do atual mercado editorial e de mídia, apresentando as mais recentes tendências, a fim de percebermos quais são os elementos que atraem o público a consumir essas obras.

Tendo isso em mãos, apresentaremos os trechos de *Os Lusíadas* em que esses elementos aparecem, comparando-os com imagens e textos de outras obras famosas da atualidade, mostrando assim uma possível maneira de realizar a abordagem da epopeia camoniana para o leitor contemporâneo, tendo como base pesquisas recentes em educação e de especialistas do mercado editorial.

Concluindo, falaremos sobre a importância da obra de Camões para a atualidade, não apenas para a literatura de língua portuguesa, mas também para o conhecimento de uma das origens do povo brasileiro.



## 1 O universo poético e narrativo de *Os Lusíadas*

*Os Lusíadas* é um poema épico escrito por Luís Vaz de Camões, um dos maiores escritores de todos os tempos e considerado por muitos o maior autor de língua portuguesa, ao lado de Fernando Pessoa. O poema é uma narrativa que segue padrões de epopeias clássicas como *A Ilíada* e *Eneida* e, como tais, apresenta ao leitor a história de uma nação:

*A Ilíada* foi um dos modelos usados em *Os Lusíadas* por Luís de Camões, que o modifica em parte segundo o espírito de sua época, o século XVI, do seguinte modo: 1º) Camões canta/narra não apenas os feitos de um herói isolado, como fez Homero, mas de um herói coletivo, o povo português, a que chama “o peito ilustre lusitano”; 2º) ele narra não só “façanhas fantásticas, fingidas, mentirosas”, mas também fatos da história de Portugal, em dois planos narrativos distintos: o plano real da viagem marítima e o plano mitológico da disputa dos deuses. Seja com fatos reais ou lendários, ou heróis individuais ou coletivos, a epopeia se reporta sempre a um grupo étnico do qual narra as tradições e a história, expressando a sua identidade. As epopeias homérica e camoniana são expressões dessa escrita que imortaliza heróis e povos.<sup>1</sup>

Dado esse caráter da obra, em que Camões se atentou a seguir modelos dos gregos e romanos, pode-se classificá-la como obra clássica, não somente pelo estado de perenidade que a mesma alcançou na Literatura, mas por seguir um padrão da Antiguidade Clássica, como afirma João Alexandre Barbosa:

Seja como for, conservou-se, na historiografia literária, o termo clássico para designar o conjunto canônico dos autores e das obras gregas e romanas e para a definição daqueles autores e obras que, a partir do Renascimento, se dedicaram à releitura dos gregos e romanos, fixando-os como modelos de realização literária. A esse movimento de recuperação, envolvendo a arqueologia dos textos e suas interpretações, assim como suas imitações temáticas e compositivas, chamou-se, nas literaturas ocidentais, de classicismo.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de; SANTOS, Jane Rodrigues dos. *Literatura Portuguesa I volume I*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013. p.34-35.

<sup>2</sup> BARBOSA, João Alexandre. Introdução. In: GUINSBURG, J. *O Classicismo*. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.12-13.

Citando o Renascimento como ponto de partida, a afirmação de Barbosa vai ao encontro da obra *Os Lusíadas*, a qual foi escrita justamente no que se convém chamar de Renascimento, quando artistas e escritores voltavam seus olhos para a Antiguidade, resgatando textos remanescentes desse período da História, e esses textos influenciaram as artes e a escrita que se fizeram, do século XVI (século de *Os Lusíadas*) ao século XVIII:

De qualquer maneira, todavia, e como esforço de compreensão estilística, pode-se dizer que, durante aqueles três séculos, quer a matéria de discussão teórica, quer a efetivação poética, orbitaram em torno de algumas categorias, regras e modelos que embasaram todas as criações artísticas e as reflexões filosóficas que lhes davam sustentação ou eram delas decorrentes. Essas categorias, regras ou modelos eram alimentadas, sem dúvida, pelas leituras e releituras que se faziam dos clássicos redescobertos.<sup>3</sup>

Assim, seguindo certos modelos da Antiguidade, conforme já mencionado, Camões escreveu sua epopeia, dando-lhe um título baseado nos títulos da epopeia de Virgílio (*Eneida*) e de Homero (*Ilíada*). O título dado a sua obra refere-se ao nome dado pelos romanos ao povo que vivia no extremo ocidental da Península Ibérica, os “lusitanos”, os quais seriam descendentes de um Luso ou Lisa, filhos de Baco:

Esta foi Lusitânia, derivada  
De Luso ou Lisa; que de Baco antigo  
Filhos foram, parece, ou companheiros,  
E nela *antam* os íncolas<sup>4</sup> primeiros.  
(CAMÕES, III, 21:5-8, 2010, p.103)

A sua primeira publicação data de 1572, época em que Portugal era uma potência europeia, havendo conquistado os mares e iniciava o processo de colonização do Brasil, tendo já entrepostos comerciais na África e na Ásia. Era um período em que o país já estava consolidado como nação, e a epopeia serviria como um registro dessa consolidação da nação, abarcando sua história, os seus fundadores e suas crenças; assim como o serviram para os gregos e romanos a *Ilíada* e a *Eneida*, respectivamente.

Dada a sua característica musical - a qual é percebida devido ao uso pelo autor de uma métrica rígida (todos os versos do poema são decassílabos) e de rimas, aliterações e assonâncias - a obra é dividida em 10 partes chamadas Cantos. Camões, a

---

<sup>3</sup> *Idem*, p.13.

<sup>4</sup> Íncolas: habitantes, moradores.

exemplo dos poetas clássicos, escrevia seus poemas atentando-se para essa musicalidade, a fim de que os mesmos fossem cantados.

No Canto I, o poeta inicia a obra com a Proposição que, como o próprio nome diz, anuncia o propósito da obra, o qual é cantar “o peito ilustre lusitano”, ou seja, a história dos portugueses:

As armas e os *barões* assinalados  
Que, da Ocidental praia Lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da *Taprobana*<sup>5</sup>,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;  
(CAMÕES, I, 1, 2010, p.11)

Em seguida, há a Invocação às musas, as quais o escritor invoca para auxiliá-lo em sua escrita, tal como faziam os poetas clássicos como Virgílio, por exemplo:

E vós, Tágides<sup>6</sup> minhas, pois criado  
Tendes em *mi* um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde, celebrado  
Foi de *mi* vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo *grandiloco* e corrente,  
*Por* que de vossas águas Febo<sup>7</sup> ordene  
Que não tenham *enveja* às de Hipocrene<sup>8</sup>.

Dai-me *hũa* fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena<sup>9</sup> ou *frauta ruda*,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no Universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.  
(CAMÕES, I, 4-5, 2010, p.12)

Depois, há a Dedicatória, na qual o poeta dedica a obra ao rei de Portugal à época, Dom Sebastião. Seguidos esses passos, começa a narrativa em si:

---

<sup>5</sup> Taprobana: nome que os antigos gregos e romanos davam ao Sri Lanka, antigo Ceilão.

<sup>6</sup> Tágides: ninfas do rio Tejo.

<sup>7</sup> Febo: deus da poesia, da música e da profecia na mitologia romana.

<sup>8</sup> Hipocrene: fonte do monte Hélicon, começou a jorrar após uma patada do cavalo alado Pégaso, considerada símbolo de inspiração pelos poetas.

<sup>9</sup> Agreste avena: flauta de pastor.

E, vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade;  
Vós, ó novo temor da Maura lança<sup>10</sup>,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
(Dada ao mundo por Deus, que todo o mande,  
*Pera* do mundo a Deus dar parte grande);

.....

Inclinai por um pouco a majestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno Templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos *valerosos*,  
Em versos *devulgado* numerosos.  
(CAMÕES, I, 6 e 9, 2010, p.12-13)

Essa narrativa inicia-se com um recurso utilizado também na *Odisseia* conhecido como *in media res*<sup>11</sup>, no qual a narrativa inicia-se no meio dos acontecimentos, no caso de *Os Lusíadas* é quando Vasco da Gama e sua frota já estão navegando pelo oceano rumo ao seu objetivo, que é chegar às Índias:

Já no largo Oceano navegavam,  
As inquietas ondas apartando;  
Os ventos brandamente respiravam,  
Das naus as velas côncavas inchando;  
Da branca espuma os mares se mostravam  
Cobertos, onde as proas vão cortando  
As marítimas águas consagradas,  
Que do gado de Próteu<sup>12</sup> são cortadas,  
(CAMÕES, I, 19, 2010, p.17)

Então os deuses do Olimpo reúnem-se para decidir o destino dos navegantes, no chamado Concílio dos Deuses. Nesse debate entre os deuses, Vênus decide ajudar os portugueses, enquanto Baco quer exterminá-los:

---

<sup>10</sup> Maura lança: referência ao exército mouro.

<sup>11</sup> *In media res*: é expressão latina que designa a narração que começa no meio do percurso da aventura, comum nas epopeias antigas.

<sup>12</sup> Próteu: filho de Netuno, Proteu é um deus do mar e seu gado são os peixes e animais marinhos.

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntam em concílio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino Céu *fermoso*,  
*Vem* pela Via Láctea juntamente,  
Convocados, da parte de Tonante<sup>13</sup>,  
Pelo neto gentil do velho Atlante<sup>14</sup>.  
(CAMÕES, I, 20, 2010, p.17)

Ao fim da narração do Concílio, a história se volta para Vasco e sua frota, que já navegam pela costa oriental africana. Ao longo dos Cantos I e II, o poema conta essa trajetória até chegarem à cidade de Melinde, onde são recebidos pelo rei do local, que pede que Vasco fale sobre a sua nação. O capitão da frota então passa a narrar a história de Portugal desde as suas origens remotas até a chegada deles a Melinde. Esse *flashback* ou analepse vai se dar nos Cantos III, IV e V, em que são narrados os acontecimentos históricos que fundaram Portugal, como as disputas pelo poder, as guerras, os conflitos familiares da realeza e a expulsão dos mouros:

Prontos estavam todos *escuitando*  
O que o sublime Gama contaria,  
Quando, *despois* de um pouco estar cuidando,  
Alevantando o rosto, *assi* dizia:  
“Mandas-me, ó Rei, que conte declarando  
De minha gente a *grão* genealogia;  
Não me mandas contar estranha história,  
Mas mandas-me louvar dos meus a glória.  
(CAMÕES, III, 3, 2010, p.97)

Ao narrar o passado, Vasco começa de fato o “cantar o peito ilustre lusitano”, a exaltação da história do povo português, o qual é o herói desta epopeia. Quando conta, canta a história dos grandes personagens de Portugal, grupo ao qual ele mesmo pertence, ele firma o propósito da epopeia. Nessa toada, ele conta ainda a sua partida de Lisboa, a sua chegada ao Cabo das Tormentas e ali o conflito com o gigante chamado Adamastor, o qual era uma personificação da tormenta marítima que levava os navegantes ao naufrágio:

Não acabava, quando *hũa* figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;

---

<sup>13</sup> Tonante: trovejante, referencia a Júpiter, deus dos trovões e dos raios.

<sup>14</sup> Atlante: o neto de Atlante, ou Atlas, era Mercúrio, filho e mensageiro de Júpiter.

O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.  
(CAMÕES, V, 39, 2010, p.203)

No Canto VI, a história volta ao presente, em Melinde, e segue-se então a viagem dos navegantes rumo às Índias. Neste mesmo Canto, Baco planeja emboscar os portugueses numa terrível tempestade, com o auxílio do deus Netuno, porém Vênus e suas ninfas conseguem desfazer os planos daquele, e assim a frota portuguesa chega enfim a Calicute, na Índia. Os Cantos VII e VIII contam a estadia dos portugueses na Índia, falando sobre aspectos geográficos e culturais da região, e das dificuldades que o capitão teve para conquistar a confiança dos nativos:

Já se viam chegados junto à terra  
Que desejada já de tantos fora,  
Que entre as correntes Índicas se encerra  
E o Ganges, que no Céu terreno<sup>15</sup> mora.  
Ora sus, gente forte, que na guerra  
Quereis levar a palma vencedora:  
Já sois chegados, já tendes diante  
A terra de riquezas abundante!  
(CAMÕES, VII, 1, 2010, p.267)

No Canto IX os portugueses finalmente partem em regresso ao lar, quando então se deparam com a Ilha dos Amores, preparada por Vênus como prêmio por eles terem cumprido seu objetivo, e onde os navegantes desfrutam da beleza do lugar e da companhia das ninfas:

Ali, com mil refrescos e manjares,  
Com vinhos odoríferos e rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
*Fermosos* leitões, e elas mais *fermosas*;  
Enfim, com mil deleites não vulgares,  
Os esperem as Ninfas amorosas,  
De amor feridas, *pera lhe* entregarem  
Quanto delas os olhos cobiçarem.  
(CAMÕES, IX, 41, 2010, p.352)

---

<sup>15</sup> Céu terreno: a nascente do rio Ganges.

Figura 1: O banquete no palácio de Tétis com Vasco da Gama.



Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tetis\\_e\\_o\\_banquete\\_dos\\_portugueses.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tetis_e_o_banquete_dos_portugueses.jpg)

No Canto X, eles ainda estão na Ilha dos Amores e Vasco recebe de uma ninfa Tétis a chamada Máquina do Mundo, que seria o conhecimento do universo, e também recebe previsões quanto ao futuro de sua nação até os dias de Camões. Por fim, a frota retorna a Portugal e o poeta encerra sua grande obra.

Figura 2: A viagem de Vasco da Gama e *Os Lusíadas*.



Fonte: <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/13784> (p. 42)

## 2 O Olimpo, deuses nórdicos, mangás, vampiros: o quadro editorial e midiático das últimas décadas

É interessante notar que o conteúdo da narrativa de *Os Lusíadas* possui elementos atrativos para o público leitor atual. Dentre esses elementos, destacam-se o paisagístico e as guerras medievais, a mitologia, e o enredo de navegantes, elementos sobre os quais falaremos detalhadamente a seguir.

Em relação ao ambiente medieval, no qual a história de *Os Lusíadas* se insere, e à mitologia, que também é presente na citada obra, nota-se que há inúmeras histórias atuais com esses elementos, publicadas nas mais diversas mídias (na literatura, na televisão e no cinema), com grande apreciação pelo público consumidor. Logo, pode-se inferir que existe uma tendência nos últimos anos a narrativas contendo esses elementos.

O cenário medieval imaginado pelas pessoas do século XXI é aquele em que há castelos, reis, cavaleiros e o elemento fantástico – espaços nos quais se encontra a mitologia, não propriamente a greco-romana, mas a do folclore europeu, com duendes, fadas, elfos, bruxos, vampiros e lobisomens.

Esse universo medieval fantástico está presente em obras de sucesso da atualidade, como por exemplo a série de livros e filmes *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*, de R. R. Tolkien; a série *Harry Potter*, de J. K. Rowling; e a série *Crepúsculo*, de Stephanie Meyer. Atestando essa tendência, a afirmação do gestor cultural Silvio Alexandre:

Basta dar uma olhada nas listas de livros mais vendidos de uns anos para cá para percebemos que esses livros, protagonizados por personagens como bruxos, elfos, seres mitológicos, vampiros, anjos, zumbis, entre outros personagens com características sobrenaturais e fantásticas estão se destacando.

Esse segmento ficou tão significativo que o investimento das editoras tem aumentado de forma substancial, chegando a acontecer verdadeiros leilões para adquirir o direito de publicação de títulos para esse público [...] A série *Harry Potter*, de J.K. Rowling, acabou virando um movimento social em torno de um livro, um movimento que arrebatou dezenas de milhões de jovens. Foi graças a essa "besteira" que o mercado editorial no Brasil deu uma guinada enorme. Entre tantas contribuições que teve, foi *Harry Potter* que acabou com o pensamento que todas as nossas editoras seguiam: "adolescente não



lê livro grosso". [...] Hoje temos as grandes editoras criando selos somente para abrigar esse tipo de livro. O exemplo mais significativo é a Companhia das Letras que deixava explícito para aqueles que queriam enviar seus originais para avaliação a conhecida frase: "não publicamos ficção científica". E agora para abrigar o gênero teve que se render com a criação do selo Seguinte, cuja última grande aquisição foram duas séries inéditas do universo de *Star Wars* para o público *young adult*.<sup>16</sup>

Essas obras, que abarcam a fantasia, o ambiente medieval, de castelos e seres mágicos, expandiram-se para além das páginas dos livros e alcançaram as telas do cinema e da televisão, conquistando também o mundo dos videogames. As séries *Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis* e *Game of Thrones* são exemplos de sucessos de bilheteria nos cinemas e audiência na TV. O público caracterizado como *young adult*, citado por Silvio Alexandre, é um público leitor grande, que, além de livros, consome também séries de TV, filmes e jogos virtuais. A relação entre esse público e o mercado editorial pode ser analisada a partir da fala de Ana Lima, da editora Record:

A literatura YA (Young Adult, termo cunhado para definir os jovens adultos) continua ascendente e, dentro dela, alguns nichos têm se destacado. Em dez anos, de 2002 a 2012, o número de livros do gênero lançado nos Estados Unidos aumentou quase 120% segundo infográfico publicado na NY Mag em novembro de 2012. Curiosamente, 84% destes leitores tinham mais de 18 anos. A situação se repete na Inglaterra e, no painel da Nielsen sobre tendências para o mercado, em 2015, em Nova York, o número ainda girava em torno de 80%. No Brasil, o gênero é o que mais tem espaço para crescer de acordo com relatório da Nielsen Book Scan produzido em meados de 2015.

Alguns *megasellers* como Harry Potter, Crepúsculo e Hunger Games já justificariam esse boom, mas o fenômeno vai além: se consolidou, os leitores do bruxinho londrino cresceram e outras tendências fortes são notadas ao analisar apenas estes três títulos. Entre elas o crossmídia, frequentemente apontado pela Nielsen como forte tendência do mercado – livros que viram filmes (Harry Potter, Hunger Games, Divergente, A culpa é das estrelas), videogames que viram livros (Assassin's Creed, Minecraft, World of Warcraft) e filmes (Warcraft, Assassin's Creed), filmes que viram jogos, etc. Para jovens que passam grande parte do tempo conectados na internet, nada mais natural: saber mais sobre o que ele conhece e gosta parece mais interessante.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> ALEXANDRE, Silvio. *Livros de Literatura Fantástica fazem crescer o mercado editorial*. Publishnews, 6 de agosto de 2015. Mercado. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2015/08/06/livros-de-literatura-fantastica-faz-crescer-o-mercado-editorial>. Acesso em: 31 março de 2021.

<sup>17</sup> LIMA, Ana. *Cultura nerd e oportunidades para o mercado editorial*. Record, 9 de março de 2016. Blog. Disponível em: <https://www.record.com.br/cultura-nerd-e-oportunidades-para-o-mercado-editorial/>. Acesso em: 5 de abril de 2021.

A atenção dada ao público *young adult* modificou o mercado editorial no sentido de tentar agradá-lo, passando as editoras a publicarem obras que remetesse a um universo fantástico, mitológico e medieval. E assim como obras literárias que continham esses elementos passaram para outras mídias, obras originárias de mídias como o cinema e videogames também ganharam o universo literário:

Além do esperado sucesso dos livros que também estouraram nas bilheterias, há aqui uma inclinação bastante forte para os livros que expandem o universo de games populares. A franquia de livros inspirada em *Assassin's Creed – Renascença, Irmandade, Cruzada Secreta, Revelações, Renegado, Bandeira Negra, Unity e Submundo* (publicados pela Galera Record) –, protagonizada por um assassino que faz parte de uma seita, viaja pelo tempo e enfrenta templários, ultrapassou 1 milhão e 500 mil exemplares vendidos no Brasil em apenas 3 anos, mais que em qualquer outro país, entre eles a Inglaterra e a Alemanha, mercados com vendas expressivas de livros de fantasia.<sup>18</sup>

Há opiniões que podem explicar esse fenômeno editorial relacionado ao público jovem adulto, baseadas em fatores sociais, psicológicos e antropológicos, e que indicam tratar-se de uma tendência. Dentre essas opiniões, há a de Ana Lima, de que a cultura *nerd* passou a ser apreciada pela pessoas comuns, assim como a figura do *nerd* deixou de remeter a uma visão negativa. A imagem do *nerd* teria deixado de ser a de um indivíduo solitário, desleixado com a aparência, fissurado nos estudos e alvo de zombaria, e teria passado a ser a de alguém agradável, bom amigo e que gosta de coisas interessantes:

Há 30 anos ser *nerd* não era legal. O *nerd* normalmente era aquele aluno tímido, de óculos, que gostava de ler, de estudar, de Ciências e de Matemática. O que ninguém sabia então era que esses alunos se transformariam em Bill Gates, Steve Jobs, Mark Zuckerberg e outros. Para citar um exemplo da literatura, John Green, autor de *A culpa é das estrelas*, que se autointitula “*nerd fighter*”. De repente, ser *nerd* é legal. Até usar óculos é legal. Os *nerds* encontraram um lugar ao sol e seus inúmeros interesses são estimulados por pesos pesados da cultura do entretenimento: produções milionárias da Marvel para os cinemas; a volta de *Star Wars* capitaneada pela Disney; séries de TV protagonizadas por *nerds* e baseadas em quadrinhos adorados; livros

---

<sup>18</sup> LIMA, Ana. *Cultura nerd e oportunidades para o mercado editorial*. Record, 9 de março de 2016. Blog. Disponível em: <https://www.record.com.br/cultura-nerd-e-oportunidades-para-o-mercado-editorial/>. Acesso em: 5 de abril de 2021.

de fantasia, livros com nerds heróis, livros sobre nerds; e até eventos que são verdadeiras celebrações da cultura nerd, onde os mesmos podem se fantasiar sem ser julgados – lá isso é legal, nos dois sentidos –, participar de karaokê em japonês, assistir exclusivamente a minutos de filmes e séries inéditas, ver seus ídolos da TV, dos quadrinhos, do cinema, e por que não, comprar.<sup>19</sup>

Já o professor Rodrigo Bueno afirma que o interesse do cinema pela cultura medieval está relacionado à origem das nações europeias e à origem do cristianismo. Esse poderia ser um caminho para tentar explicar o fascínio que esse período exerce no público, já que grande parte das nações do mundo, incluindo o Brasil, foram construídas sobre as bases culturais constituídas na Idade Média, como o sentimento de pertencimento a uma nação e a religião cristã, por exemplo:

Nesse contexto, por que podemos dizer que há um maior interesse do cinema pela Idade Média? O fascínio pela Idade Média, inclusive através do cinema, nos remete à origem de nações (européias), origens religiosas (Cristianismo). É na Idade Média, que também se organizam lendas, mitos, epopéias que fazem parte da Civilização Ocidental. Também para fatos de épocas históricas que são famosos, como o tempo das Cruzadas (XI-XIII), episódios relacionados ao Rei Arthur e à Távola Redonda, que envolvem castelos, mosteiros, e também o ideal da cavalaria, e outros como os vikings. É bom lembrar que um dos primeiros episódios que foram lembrados pelo cinema, quando este surgiu, foi o de Joana D'Arc.

Portanto, o cinema tem olhado para a Idade Média como um grande filão, principalmente sobre filmes de aventura, trazendo-nos épicos famosos, sempre com um olhar do presente sobre a Idade Média. Conforme Miriam Rossini (2006:26-27), muitas vezes, fatos bastante separados no tempo são condensados, pois eles fazem parte de um grande imaginário sobre a sociedade medieval, como se pode observar no filme “O incrível exército de Brancaleone”. Muitos filmes, mesmo quando não estão falando de Idade Média, localizam no espaço mítico medieval, muito de sua ambientação, como se vê na saga “O Senhor dos Anéis”.<sup>20</sup>

É interessante a citação que Bueno faz de Rossini, a qual afirma que mesmo as obras que não abordam de maneira fidedigna o ambiente medieval, utilizam a visão imaginária que se tem do medievo como cenário. Pode-se incluir, nesta lista, além do já citado por ela *O Senhor dos Anéis*, também a série *Harry Potter* (na qual o menino

---

<sup>19</sup> LIMA, Ana. *Cultura nerd e oportunidades para o mercado editorial*. Record, 9 de março de 2016. Blog. Disponível em: <https://www.record.com.br/cultura-nerd-e-oportunidades-para-o-mercado-editorial/>. Acesso em: 5 de abril de 2021.

<sup>20</sup> BUENO, Rodrigo Poreli Moura. *A Cultura Medieval sob o Ângulo das Imagens Cinematográficas*. In: XVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013, p.3

bruxo vai estudar num castelo), a série *Game of Thrones*, e a série *Crepúsculo* (que apresenta um grupo de personagens chamado Volturi, que se vestem e vivem em um ambiente imaginado medieval, além de abordar a lenda dos vampiros e lobisomens).

Outra afirmação que Bueno faz é acerca dos mitos, assunto sobre o qual se discorrerá neste trabalho, e que está presente no imaginário do homem, exercendo sobre ele um fascínio capaz de moldar sua maneira de pensar sobre si mesmo e sobre o mundo:

Por todas estas questões que apontamos, e por tantas outras coisas que poderíamos apontar, a Idade Média é um espaço e um tempo para o qual utopias, representações, desejos se voltam e ganham força no nosso imaginário. É claro que vários estereótipos são criados a partir dessas referências medievais, tanto em relação a personagens heroicizados, como em relação a fatos mitificados e/ou mistificados.

Ainda nas palavras do professor, a Idade Média representaria para o homem da atualidade um lugar de reflexão, onde este pensa sobre as ações do homem daquela época:

A sociedade contemporânea é bem verdade, tem modificado substancialmente seu olhar sobre a Idade Média e se distanciado, ao menos um pouco, da posição notadamente preconceituosa, herdada dos iluministas. A consequência desse fato é o interesse que a Idade Média desperta, nos dias de hoje, na população em geral. A civilização medieval exerce, sobretudo no cinema, um fascínio singular. Inúmeras produções procuram mostrar o modo de vida e os eventos mais significativos da história dos homens medievais. Entretanto, constantemente há que se perguntar se efetivamente o olhar que os contemporâneos lançam sobre a Idade Média se modificou, pois, tal qual no passado, a Idade Média ainda continua a ser vista não pelo que ela foi, mas pelo que poderia ter sido.<sup>21</sup>

Compartilhando dessa mesma opinião, Baschet afirma que o medievo atrai as pessoas pelo imaginário que desperta e também devido a uma “perda de referências” na atualidade. Para ele, a busca por essa época imaginada seria talvez uma maneira de as pessoas encontrarem “mitos” os quais não existem atualmente, que suprissem uma necessidade a qual, conforme abordaremos adiante, pode estar presente na natureza humana:

---

<sup>21</sup> *Idem*, p.4.

É verdade que a imagem da Idade Média é ambígua. Na Europa, pelo menos, os castelos fortificados atraem a simpatia dos alunos e os cavaleiros da Távola Redonda têm ainda alguns adeptos, enquanto a organização de torneios cavaleirescos ou de festas medievais parece ser um eficaz argumento turístico, inclusive nos Estados Unidos. Crianças e adultos visitam as catedrais góticas e são impressionados pela audácia técnica de seus construtores; os mais espirituosos impregnam-se com deleite da pureza mística dos mosteiros românicos. O caráter bizarro das crenças e dos costumes medievais excita os amadores do folclore; a paixão pelas raízes, exacerbada pela perda generalizada de referências, empurra em massa para essa idade recuada e misteriosa.<sup>22</sup>

Ainda sobre esse ambiente medieval, no qual *Os Lusíadas* se insere, é importante abordar a confluência desse ambiente com o fantástico, o qual tanto existe na obra de Camões como nas obras atuais já citadas, em que convivem com castelos e cavaleiros os seres da mitologia céltica e europeia antiga como fadas, gigantes e bruxas; e essa convergência também é percebida pela professora Dalma do Nascimento:

Nos dois últimos séculos, apesar do crescente materialismo e do avassalador domínio da técnica, amplia-se o interesse pela arte medieval, justamente pela necessidade de o homem moderno sonhar utopias, e também pelas frequentes reverberações da Idade Média em vários âmbitos de nosso presente. Cada vez mais, signos, emblemas, mitos e fábulas daquele longo período histórico, de dez séculos de duração, vêm magnetizando o imaginário coletivo pelos sortilégios e maravilhosos de seu lendário, no qual transitam reis, rainhas, cavaleiros da Távola Redonda à demanda do Graal salvador em meio a filtros mágicos, florestas encantadas, histórias de amor, ogros, feiticeiros, anões, fadas e bruxas.<sup>23</sup>  
(NASCIMENTO, 2015, p.23)

No programa *Letras&Livros* do canal do Youtube “Canal FDR” com o tema: *Os sucessos milionários da literatura de fantasia. Vale investir?*, a jornalista Isabel Costa corrobora a ideia de que há uma tendência no mercado editorial para o universo fantástico. A mesma afirma que o mercado de livros de fantasia movimenta milhões de dólares ao redor do mundo e que as publicações são compradas por crianças, adolescentes e adultos, gerando rendas estratosféricas para os autores, e também para as editoras que investem no gênero. No programa, ela entrevista Marina Ávila, produtora editorial da editora Wish, que em sua fala explica o interesse pelo gênero fantasia:

---

<sup>22</sup> BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano Mil à Colonização da América*. São Paulo: Globalivros, 2006, p. 23

<sup>23</sup> NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. *Idade Média: Contexto, Celtas, Mulher, Carmina Burana e Ressurgências Atuais*. Niterói: Parthenon Centro de Artes e Cultura, 2015, p.23

Eu acredito que a fantasia seja muito fácil de ser compreendida pelas crianças. Por exemplo, quando elas passam por uma situação de medo, é muito comum que elas fantasiem que alguma coisa está lá fora, em vez de pensar que pode ser um ladrão. Elas podem pensar que é um pirata, algo nesse sentido, em vez de lidar com a realidade. Até certo ponto, isso é extremamente importante, a criança compreender como funciona o mundo, os perigos e as coisas legais, através de metáforas. [...] É muito mais fácil contar para uma criança sobre o lobo mau e a chapeuzinho vermelho, ao invés de contar todo o psicológico do ser humano, o que o ser humano é capaz de fazer. Portanto, é mais fácil dizer que algumas pessoas podem ser como o lobo mau, porque o lobo mau é muito simples [de ser entendido], até a criança finalmente compreender que ela não deve falar com nenhum estranho. Além de uma metáfora, a fantasia não é só um lugar de escape. É muito comum ela ser vista dessa maneira, mas ela é também um lugar de imaginação, um lugar em que a gente vive uma realidade a qual, apesar de não ser a nossa, acaba também sendo real. Ela acaba contendo coisas que a gente imagina que poderiam ser reais, mundos ideais. Então tudo isso torna mais fácil, mais prazeroso, lidar com a realidade que a gente tem.<sup>24</sup>

No mesmo programa, a jornalista entrevista Mônica Figueiredo, editora sênior da editora Rocco que trabalha com a publicações da série *Harry Potter* desde a sua estreia no Brasil. Em sua fala, Mônica explica o fenômeno editorial do jovem bruxo e os motivos que levaram a editora a publicar a obra:

No caso do Harry Potter, por exemplo, que é uma saga fantástica, a obra tinha os elementos (no primeiro livro) de atração de uma criança de 7 ou 8 anos, a princípio. Tinha o colégio interno, o órfão, as relações com os amigos da escola. Eram elementos comuns de atração para um leitor jovem, criança. Só que veio com essa magia. Assim, a criança vai pra escola, e na verdade essa escola é de bruxaria, ele vai aprender bruxaria, [logo] encanto maior não podia ter. Todo o encanto dentro de uma verdade, de uma atmosfera real que é a escola. A isso a gente pode atribuir um grande sucesso, esse vínculo, essa ligação desses elementos mágicos com essa realidade, e [em] um segundo momento, a partir do momento que a criança vai crescendo, outros fatores da realidade vão entrando ali, com a magia sempre participando desses momentos. Por exemplo, existem coisas sociais mesmo, eles têm o “exército de Dumbledore”, em que ele [Harry] vai aprender um pouco de política; um pouco de direitos humanos com os elfos... Assim, várias questões da realidade vão sendo apresentadas, intercaladas com a fantasia.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> ÁVILA, Marina. *Os sucessos milionários da literatura de fantasia. Vale investir?*. Canal FDR, 16 de julho de 2019. Letras&Livros, episódio 04. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rRyNvFhg\\_M4](https://www.youtube.com/watch?v=rRyNvFhg_M4). Acesso em 5 de abril de 2021.

<sup>25</sup> FIGUEIREDO, Mônica. *Os sucessos milionários da literatura de fantasia. Vale investir?*. Canal FDR, 16 de julho de 2019. Letras&Livros, episódio 04. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rRyNvFhg\\_M4](https://www.youtube.com/watch?v=rRyNvFhg_M4). Acesso em 5 de abril de 2021.

Interessante notar que, na obra de Camões, a fantasia e o mito, estão interligados também com os fatos históricos, com a realidade que vai sendo contada na narrativa, a realidade da conquista territorial portuguesa e das grandes navegações.

Outras produções artísticas da atualidade que apresentam esse universo fantástico e que muito se assemelham à narrativa camoniana, principalmente por essa se tratar basicamente de uma história de navegantes, ao narrar a viagem de Vasco da Gama e sua frota rumo às Índias, são a famosa série de filmes *Piratas do Caribe* e o mangá mais vendido do mundo chamado *One Piece*.

Outras obras, oriundas de diferentes mídias, fazem paralelo com a obra de Camões. No Canto I de *Os Lusíadas*, onde há o famoso Concílio dos Deuses, há a introdução de figuras da mitologia greco-romana, as quais vão se fazer presentes ao longo da narrativa. Na atualidade, há uma famosa série de jogos para videogames chamada *God of War*, na qual esses mesmos personagens da mitologia clássica estão presentes. No jogo, o protagonista Kratos luta contra os deuses do Olimpo e os da mitologia nórdica. Ainda contendo elementos da mitologia, há a famosa série de filmes do deus nórdico *Thor*. Nas últimas décadas, outros filmes baseados em mitologias foram produzidos: *Imortais*, *Fúria de Titãs*, *Deuses do Egito*, *Hércules* e *Mulher-Maravilha*. As obras que abarcam a mitologia são uma tendência também no mercado editorial, conforme mostra o texto da revista *Isto é*:

Os deuses do Olimpo abandonaram estantes empoeiradas para marcar presença nos chamativos displays das grandes livrarias. Reeditado em formato econômico, “O Livro de Ouro da Mitologia” (Ediouro), um clássico escrito em 1855 pelo americano Thomas Bulfinch, figura há algumas semanas no rol dos mais vendidos no Rio de Janeiro e em São Paulo, surpreendendo o mercado editorial. Na rede de lojas Fnac, por exemplo, é a obra campeã. “Está sendo mais procurada que a biografia de Steve Jobs”, diz Leandro Caçado, diretor de vendas da megastore. Ele não fornece números, mas dá uma ideia da procura: duas vezes maior que a de outro best seller, “As Crônicas de Gelo e Fogo”, de R. R. Martin, saga que deu origem à série televisiva “A Guerra dos Tronos”. [...] O fascínio pelos feitos fantásticos de personagens sobre-humanos sempre existiu, e o sucesso de livros como “Percy Jackson e o Ladrão de Raios”, cujos personagens são encarnações contemporâneas de deuses gregos, prova que essa tendência chegou ao público adolescente. Outro exemplo é a série de aventura “Jogos Vorazes”, inspirada na história de Teseu, o homem que matou o minotauro. Um fato puxa o outro: para entender melhor

esses enredos, o jovem leitor estaria procurando obras mais amplas sobre o assunto, da mesma forma que se consulta um dicionário para enriquecer o vocabulário.<sup>26</sup>

A figura dos deuses das mitologias clássicas faz um paralelo com a figura dos super-heróis da atualidade, já que em ambos os casos tratam-se de seres que possuem poderes sobrenaturais. Desses super-heróis poderíamos citar inúmeros, e não se trata de uma presença tão recente, porque nos quadrinhos americanos esses personagens surgiram já na primeira metade do século XX, e tornaram-se tão populares que semelhantes modelos desses personagens podem ser encontrados nos populares mangás japoneses, com personagens dotados de superpoderes; além de inúmeras produções para a televisão, seja na TV aberta ou nos *streamings*; também para o cinema e para os jogos virtuais. Os chamados “super-humanos” são indivíduos que possuem as capacidades extra-humanas as quais eram concebidas aos deuses da Antiguidade, e possivelmente despertam hoje a admiração das pessoas tanto quanto despertavam àquela época, tornando-se verdadeiros ícones que, se não carregam a característica religiosa de outrora, marcam o imaginário coletivo popular e de certa forma suprem essa necessidade do ser humano de imaginar-se excedendo os próprios limites físicos, o que a ciência ainda não foi capaz de lhe proporcionar:

Pesquisas recentes trouxeram à luz as estruturas míticas das imagens e comportamentos impostos às coletividades por meio da *mass media*. Esse fenômeno é constatado especialmente nos Estados Unidos.<sup>27</sup> Os personagens dos *comic strips* (histórias em quadrinhos) apresentam a versão moderna dos heróis mitológicos ou folclóricos. Eles encarnam a tal ponto o ideal de uma grande parte da sociedade, que qualquer mudança em sua conduta típica ou, pior ainda, sua morte, provocam verdadeiras crises, entre os leitores; estes reagem violentamente e protestam, enviando milhares de tele-gramas aos autores dos *comic strips* e aos diretores dos jornais. Um personagem fantástico, Superman, tornou-se extremamente popular graças, sobretudo, à sua dupla identidade: oriundo de um planeta destruído por sua catástrofe, e dotado de poderes prodigiosos, ele vive na Terra sob a aparência modesta de um jornalista, Clark Kent; Clark se mostra tímido, apagado, dominado por sua Colega Miriam Lane. Essa camuflagem humilhante de um herói cujos poderes são literalmente ilimitados, revive um tema mítico bastante conhecido. Em última análise, o mito do Superman satisfaz às nostalgias secretas do homem moderno que,

---

<sup>26</sup> CLAUDIO, Ivan. *Mitologia em alta*. Revista Istoé, 30 de março de 2012 - atualizado em 21 de janeiro de 2016. Cultura. Disponível em: [https://istoe.com.br/196765\\_MITOLOGIA+EM+ALTA](https://istoe.com.br/196765_MITOLOGIA+EM+ALTA). Acesso em 06 de abril de 2021.

<sup>27</sup> Cf. p. ex. Coulton Waugh, *The Comics* (Nova York, 1947); Stephen Becker, *Comic Art in America* (Nova York, 1960); Umberto Eco, "II Mito di Superman", em *Demitizzazione e Imagine*, a cura di Enrico Castelli (Pádua, 1962), p. 131-148.



sabendo-se decaído e limitado, sonha revelar-se um dia um "personagem excepcional", um "herói".<sup>28</sup>

A questão do mito vem sendo estudada há um tempo e um dos autores mais proeminentes neste estudo foi Joseph Campbell, autor das obras *O poder do mito* e *O herói de mil faces*, que serviram como base para pesquisas de vários outros estudiosos sobre o assunto mundo afora.

É interessante perceber que, mesmo com o avanço da ciência até o início deste século XXI, histórias recheadas com personagens míticos façam tanto sucesso e mexam tanto com o imaginário das pessoas. A mitologia, na sua acepção ampla, seria uma característica inerente da mente humana, sem a qual ele não seria humano. Isso talvez explique por que, mesmo numa época onde a racionalidade nos proporciona cada vez mais conforto e extensão de vida, os mitos ainda nos fascinam e nos movem, seja individual ou coletivamente. Esse movimento individual incutido pela mitologia, segundo a professora Lúcia Helena Ribeiro, seria por que, por meio da mitologia, o homem encontra auxílio na busca pela sua identidade:

A mitologia tem o poder de tornar sagrado o plano comum da existência humana. O mito passa a ser uma forma de ajudar as pessoas a encontrar uma forma de estar no mundo, buscando a sua própria narrativa de onde vieram, como e por que; noção de origens e raízes fazem a existência se justificar e podem transformar-se em perspectivas de futuro. Se hoje a palavra perdeu a sua força pelo emprego simplificado para descrever o que não é verdadeiro, é porque foi esquecido o significado profundo de evento muito além da história, intemporal, que busca a transcendência do caos da condição humana.<sup>29</sup>

A professora ainda explica, em outro trabalho, além da relação entre mitologia e Literatura, o movimento no sentido coletivo que o mito incute no homem, e consequentemente a ideia de pertencimento a uma nação:

A mitologia é uma forma de arte e a Literatura ao longo dos tempos tem cumprido a função de criar mitos como forma de recriação da história ou de perspectivas da história e de seus vários heróis, ou anti-heróis. A Literatura cumpre esse papel de transcendência reconstruindo os mitos, ou não deixando que eles morram com os seus rituais e significados. Assim temos a origem de muitos mitos fundacionais de muitas nações perdidos nas brumas dos tempos. No

---

<sup>28</sup> ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. (Trad. Pola Civelli). São Paulo: Perspectiva, 1972, p.129

<sup>29</sup> RIBEIRO, Lúcia Helena. *Literatura, Mito e História*. (Texto didático). Brasília: 2017, p.12.

ciclo Bretão, por exemplo, temos a trilogia do Rei Artur para contar o mito de fundação de um reino, cujo rei possuía uma espada mágica, *Escalibur* e com ela fundou *Camelot* e que reinou com justiça e sabedoria, juntamente com seus 12 cavaleiros, pelo menos enquanto isso foi possível... Esse mito sobreviveu por séculos e serviu mesmo como modelo para outros tantos mitos e cortes europeias. Mas não foi a Inglaterra a nação mais antiga da Europa e nem a que teve na sua fundação mais heróis, cavaleiros nobres ou plebeus, ou conquistas míticas.<sup>30</sup>

É notório, portanto, que o “fantástico”, o qual abrange mundos imaginados (sejam baseados num passado ou num futuro possível), seres imaginados e jornadas cativantes (mitos e monomito), exercem fascínio e estão presentes nas mais variadas formas de arte. Esse mesmo “fantástico” está presente na obra *Os Lusíadas* e, por ser elemento de atração do leitor, apresentar-se-á uma leitura da epopeia que os contemple.

---

<sup>30</sup> \_\_\_\_\_. *O mito como reconstrução permanente na Literatura Portuguesa*. (Texto didático). Brasília: 2017, p.5.

### 3 *Os Lusíadas* e a atualização da leitura

Um dos maiores desafios para os professores de Literatura é fazer com que os alunos adquiram o hábito da leitura e, mais ainda, da leitura dos clássicos, rol no qual a obra de Camões se insere. Há muitos estudos que indicam ser eficaz a releitura desses clássicos, principalmente ressignificá-los para o público leitor atual, identificando nessas literaturas aspectos de atração, que façam com que os alunos sintam-se tentados a experimentá-las.

Uma das estratégias é relacionar a chamada “literatura de massa” aos clássicos, identificando os pontos em comum entre os dois:

As relações entre alunos-leitores, do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio, e as práticas didáticas com leitura de clássicos às quais têm sido expostos foram estudadas por Mafra (2013). Com os resultados obtidos constatou-se que havia envolvimento dos alunos de 8ª série do fundamental, mas, um distanciamento dos alunos do 1º ano do ensino médio, aparentemente por uma fragmentação da literatura nas escolas. O autor acredita que é necessário contemplar a pluralidade textual no processo de formação do leitor, propondo diálogo entre os textos, considerando a literatura de massa fator primordial de iniciação da leitura, deixando de lado o caráter preconceituoso da escola, que teima em negar a existência de uma literatura de massa de caráter essencial para a formação do leitor de texto literário.<sup>31</sup>

O primeiro texto, “A literatura de massa como iniciação à leitura adolescente”, traça um painel dos conceitos e práticas em leitura na escola, defende o diálogo entre os diferentes textos e analisa o lugar do prazer na constituição do aluno leitor. O desinteresse do adolescente nas aulas de Literatura é reflexo de impasses conceituais e metodológicos. Ainda assim, muitos destes jovens trocam entre si fragmentos de textos e romances da literatura de massa. Às escondidas do professor, que desconsidera este tipo de produção literária. Questionamos os limites estabelecidos com relação à literatura clássica e a literatura de massa quando se leva em conta o processo de constituição de leitores. Em um projeto conseqüente de leiturização, faz-se necessário que assumamos pedagogicamente – e sem preconceitos – a literatura de massa como uma forma de iniciação à leitura.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> DRAGONE, Maria Lucia Oliveira Suzigan; FERRARI, Patrícia Gomes Barca. *Prática de leitura de clássicos no ensino fundamental no entendimento de alunos e professores*. Revista Brasileira Multidisciplinar – ReBraM, Vol.23, N.2, 2020, p. 25.

<sup>32</sup> MAFRA, Núbio Dellane Ferraz. *Leituras à revelia da escola*. Londrina: Eduel, 2013, p.17-18. Disponível em [http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/leitura\\_revelia/escola/.pdf](http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/leitura_revelia/escola/.pdf). Acessado em: 20 nov. 2016.

Ao negar ou ignorar monarquicamente a possibilidade de leitura que o jovem traz para a escola, a escola não contribui para solidificar este processo. O corte na base destas leituras de iniciação, que poderiam estar delineando mais tarde um leitor mais crítico mais articulado com outras formas de leitura, tem sido, no nosso entender, um dos grandes fatores a gerar este desinteresse.<sup>33</sup>

Conforme foi amplamente observado no tópico anterior deste trabalho, é evidente que a mitologia, a fantasia e o ambiente medieval são elementos de atração do público atual. Identificar na epopeia camoniana esses elementos pode o motivar o aluno a experimentar a obra.

Portanto, fazer comparações com outras obras atuais conhecidas por esse mesmo leitor é uma estratégia que pode ajudar nessa motivação de leitura. Sendo assim, demonstrar-se-á com exemplos como pode ser feito esse processo, fazendo um paralelo entre passagens de *Os Lusíadas* e de obras atuais, que apresentem esses elementos atrativos.

Acerca do ambiente medieval, abarcando as guerras, as fortalezas de pedra, os cavaleiros com armaduras, esses são percebidos no Canto III da epopeia camoniana, onde aparecem de forma maciça. Em *Os Lusíadas*, os portugueses combatem inúmeras vezes os mouros a fim de expandir seu território; além disso, sofrem guerras internas devido a brigas familiares, seja por causa de uma mãe que se opõe ao filho, seja um cunhado que se opõe ao rei. Esse mesmo conteúdo é visto na série de sucesso *Game of Thrones*. Nessa série, há sucessivas disputas pelo poder e por territórios, inúmeras batalhas, entre reinos distintos e também entre parentes. Não só na série televisiva e de livros que vemos esse tipo de narrativa, mas também em outras obras populares, como *O Senhor dos Anéis* e *O Hobbit*. Inúmeros filmes que tratam de guerras medievais foram sucessos de bilheteria. É de se perguntar quantos filmes ou séries de TV poderiam ser produzidos com o vasto conteúdo bélico presente na epopeia de Camões.

A descrição das cenas de guerra tem um tom grandiloquente na obra camoniana, como se vê nas estrofes a seguir:

Destarte o Mouro, atônito e torvado,  
Toma sem tento as armas mui depressa;  
Não foge, mas espera confiado,  
E o ginete belígero arremessa.  
O Português o encontra denodado,  
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;

---

<sup>33</sup> Idem, p.39.

Uns caem *meios* mortos e outros vão  
A ajuda convocando do Alcorão.

Ali se *vem* encontros temerosos,  
*Pera* se desfazer *hũa* alta serra,  
E os animais correndo furiosos  
Que Neptuno amostrou, ferindo a terra.  
Golpes se dão medonhos e forçosos;  
Por toda a parte andava acesa a guerra.  
Mas o de Luso arnês, couraça e malha,  
Rompe, corte, desfaz, abola e talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono e sem sentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Pálida a cor, o cesto amortecido.  
Já perde o campo o exército nefando,  
Correm rios do sangue desparzido,  
Com que também do campo a cor se perde,  
Tornado *carmesi*, de branco e verde.

Já fica vencedor o Lusitano,  
Recolhendo os troféus e presa rica;  
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,  
Três dias o grão Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
Que agora esta vitória certifica,  
Cinco escudos azuis esclarecidos,  
Em sinal destes cinco Reis vencidos.  
(CAMÕES, III, 50-53, 2010, p.113-114)



Figura 3: Cena de guerra na série de TV *Game of Thrones*. (Home Box Office. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/saiba-o-que-ha-de-historia-real-em-game-of-thrones/>)

As brigas familiares são comuns, tanto na epopeia camoniana quanto nas séries de livros e das televisões americanas. Um dos casos em que ocorre é em *Game of Thrones* quando o personagem Tyrion Lannister mata o próprio pai, Tywin Lannister,

por vários motivos, dentro deles, o fato do pai ter se relacionado com a amante do filho, Shae.

Em *Os Lusíadas*, o rei português D. Afonso IV ordena a execução de Inês de Castro, amante do próprio filho, D. Pedro, enquanto este esteve fora do reino. Ao retornar, Pedro descobre o ocorrido, vinga-se dos assassinos de sua amada e entra em guerra contra o pai, saqueando a região do Entre-Douro-e-Minho<sup>34</sup>:

Não correu muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que, em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos homicidas.  
Do outro Pedro cruíssimo os alcança,  
Que ambos, *immigos* das humanas vidas,  
O concerto fizeram, duro e injusto,  
Que com Lépido e António fez Augusto.  
(CAMÕES, III, 136, 2010, p.142)

Outro caso em que o filho se volta contra os pais na obra de Camões, é o caso de Afonso Henriques, príncipe herdeiro que entra em guerra contra a própria mãe, Teresa de Leão, viúva do falecido rei. Esta havia deserdado o próprio filho e tomado o controle do reino com o novo marido:

Mas o velho rumor (não sei se errado,  
Que em tanta antiguidade não há certeza)  
Conta que a mãe, tomando todo o estado,  
Do segundo himeneu não se despreza.  
O filho órfão deixava deserdado,  
Dizendo que nas terras a grandeza  
Do senhorio todo só sua era,  
Porque, *pera* casar, seu pai *lhas* dera.

Mas o Príncipe Afonso (que destarte  
Se chamava, do avô tomando o nome),  
Vendo-se em suas terras não ter parte,  
Que a mãe com seu marido as manda e come,

---

<sup>34</sup> “D. Afonso IV não ficou agradado com o favoritismo concedidos aos castelhanos e procurou várias formas de afastar D. Inês do filho. Sem sucesso, porque D. Pedro assumiu tanto a relação com a castelhana como os filhos ilegítimos que dela teve, acrescentando em 1349 a recusa de tornar a casar com outra mulher que não ela. Com o passar dos anos D. Afonso IV perdeu o controle da situação, a facção castelhana e D. Inês aumentavam o seu poder, enquanto o único filho legítimo de D. Pedro, o futuro rei D. Fernando, crescia como uma criança doente. Preocupado com a vida do único neto que reconhecia e com o acréscimo de poder estrangeiro dentro de fronteiras, D. Afonso IV ordena a morte de D. Inês de Castro em 1355. Ao contrário do que esperava, o seu filho não se aproximou de si. Perdendo a cabeça, D. Pedro entrou em guerra aberta contra o pai e saqueou a região do Entre-Douro-e-Minho. A reconciliação chegou apenas em 1357, entregando o rei ao príncipe grande parte do poder. D. Afonso IV morreu pouco tempo depois.” (Disponível em: [http://fortalezas.org/index.php?ct=personagem&id\\_pessoa=2280&muda\\_idioma=PT](http://fortalezas.org/index.php?ct=personagem&id_pessoa=2280&muda_idioma=PT))

Fervendo-lhe no peito o duro Marte,  
Imagina consigo como as tome.  
Revolvidas as causas no conceito,  
Ao propósito firme segue o efeito.

De Guimarães o campo se tingia  
Co sangue próprio da intestina guerra,  
Onde a mãe, que tão pouco o parecia,  
A seu filho negava o amor e a terra.  
Co ele posta em campo já se via;  
E não vê a soberba o muito que erra  
Contra Deus, contra o maternal amor;  
Mas nela o sensual era maior.  
(CAMÕES, III, 29-31, 2010, p.106-107)

A história de que Teresa de Leão teria sido presa pelo filho é confirmada nos versos seguintes:

Mas o alto Deus, que *pera* longe guarda  
O castigo daquele que o merece,  
Ou *pera* que se emende, às vezes tarda,  
Ou por segredos que homem não conhece,  
Se até *qui* sempre o forte Rei resguarda  
Dos perigos a que ele se oferece,  
Agora lhe não deixa ter defesa  
Da maldição da mãe<sup>35</sup> que estava presa:

Que, estando na cidade que cercara,  
Cercado nela foi dos Lioneses,  
Porque a conquista dela lhe tomara,  
De Leão sendo, e não dos Portugueses.  
A pertinácia aqui lhe custa cara,  
*Assi* como acontece muitas vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso  
À batalha, onde foi vencido e preso.  
(CAMÕES, III, 69-70, 2010, p.119-120)

Outro caso de guerra familiar na epopeia foi quando a rainha adúltera Leonor viu seu amante, D. João Fernandes Andeiro, morrer. Devido a isso, ela, cuja filha Beatriz, era herdeira de Portugal e casada com o rei de Castela, faz com que este reino se volte contra os portugueses. João I, filho bastardo do rei português, volta-se contra a madrasta Leonor e contra a irmã Beatriz:

---

<sup>35</sup> “Maldição da mãe: após a Batalha de Mamede, o rei d. Afonso Henriques mandou prender sua mãe, d. Teresa de Leão. Parte da praga (‘E porque puseste ferros nos meus pés, quebradas sejam as tuas pernas com ferros. Manda Deus que isto seja !’) cumpriu-se em Badajoz, quando o rei quebrou a perna.” (Retirado da edição de “Os Lusíadas” Clássicos Abril Coleções – Volume 19: Os Lusíadas. 2010, Abril S.A. Notas de Aluizio Leite.)

Alteradas então do Reino as gentes  
Co ódio que ocupado os peitos tinha,  
Absolutas cruezas e evidentes  
Faz do povo o furor, por onde vinha;  
Matando vão amigos e parentes  
Do adúltero Conde e da Rainha,  
Com quem sua incontinência desonesta  
Mais, *despois* de viúva, manifesta.

Mas ele, enfim, com causa desonrado,  
Diante dela a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado,  
Que tudo o fogo erguido queima e corre:  
Quem, como Astianás, precipitado,  
Sem lhe valerem ordens, de alta torre;  
A quem ordens, nem aras, nem respeito;  
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

Podem-se pôr em longo esquecimento  
As cruezas mortais que Roma viu,  
Feitas do feroz Mário e do cruento  
Cila, quando o contrário lhe fugiu.  
Por isso *Lianor*, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobriu,  
Faz contra Lusitânia vir Castela,  
Dizendo ser sua filha herdeira dela.

Beatriz era a filha, que casada  
Co Castelhana está que o Reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castela alevantada,  
Dizendo que esta filha ao pai sucede,  
Suas forças ajunta, *pera* as guerras,  
De várias regiões e várias terras.”  
(CAMÕES, IV, 4-7, 2010, p.152-153)

Quanto aos elementos fantásticos de *Os Lusíadas*, podemos perceber semelhança de conteúdo entre a obra do poeta português e a famosa série *Harry Potter*, quando ambas narram a aparição de um gigante:

Eles avançaram com muita cautela, e Harry viu que estavam diante de um monte de terra, liso e grande, quase da altura de Hagrid, que ele achou, com um sobressalto de temor, que devia ser a toca de um animal enorme. A toda a volta do monte, as árvores haviam sido arrancadas pelas raízes, de modo que ele se erguia em um trecho nu do terreno, protegido por pilhas de troncos e galhos que formavam uma espécie de cerca ou barricada, atrás da qual Harry, Hermione e Hagrid agora se encontravam.

– Dormindo – sussurrou Hagrid.

Sem dúvida, Harry podia ouvir um ronco distante e ritmado que parecia vir de pulmões em atividade. Ele olhou de lado para



Hermione, que contemplava o monte com a boca ligeiramente aberta. Tinha uma expressão de absoluto terror.

– Hagrid – perguntou em um murmúrio quase inaudível face ao ruído da criatura adormecida –, quem é?

Harry achou a pergunta estranha... “*Que é?*” era a que pretendia fazer.

– Hagrid, você nos disse... – falou Hermione, a varinha agora tremendo na mão – você nos disse que nenhum deles quis vir!

Harry olhou da amiga para Hagrid e, então, compreendeu e virou-se para o monte com uma exclamação de horror.

O grande monte de terra, em que ele, Hermione e Hagrid podiam ter facilmente subido, arfava lentamente no mesmo ritmo que a respiração profunda e ruidosa. Não era monte algum. Eram sem dúvida as costas curvadas de um... (ROWLING, 2003, p.560)

[...]

Harry não disse nada, mas se virou para dar uma espiada no vulto gigantesco que dormia no chão da Floresta. Ao contrário de Hagrid, que parecia apenas um ser humano grande demais, Grope parecia estranhamente deformado. O que Harry pensara ser um vasto pedregulho musgoso à esquerda do monte de terra, reconhecia agora ser a cabeça do gigante. Era proporcionalmente muito maior que uma cabeça humana, era uma esfera quase perfeita coberta de cabelos muito crespos e densos cor de samambaia. A borda de uma única orelha grande e carnuda era visível no alto da cabeça, que parecia assentar, à semelhança da do tio Válter, diretamente sobre os ombros, com pouco ou quase nenhum pescoço de permeio. As costas, sob uma peça de roupa que lembrava uma bata parda e suja feita de peles de animais toscamente costuradas, eram muito largas; e enquanto Grope dormia, a roupa parecia repuxar um pouco nas costuras. As pernas estavam encolhidas sob o corpo. Harry via as solas de pés descalços, enormes, sujos, do tamanho de trenós, descansando um sobre o outro na terra.<sup>36</sup> (Idem, p.562-563)

Não acabava, quando *hã*a figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandíssima estatura;  
O rosto carregado, a barba esqualida,  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má e a cor terrena e pálida;  
Cheios de terra e crespos os cabelos,  
A boca negra, os dentes amarelos.

Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificar-me que este era o segundo  
De Rodes estranhíssimo Colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo.  
Cum tom de voz nos fala, horrendo e grosso,  
Que pareceu sair do mar profundo.  
Arrepiam-se as carnes e o cabelo,  
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!

---

<sup>36</sup> ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. (Trad. Lia Wyler). Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

(CAMÕES, V, 39-40, 2010, p.203-204)

Ainda sobre o fantástico, a obra de Camões resgatou elementos da cultura clássica como a mitologia greco-romana, cujos deuses na epopeia apresentam-se poderosos e influentes, assim como nas mais variadas histórias atualmente publicadas em diversas mídias:

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,  
Onde o governo está da humana gente,  
Se ajuntam em concílio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino Céu *fermoso*,  
*Vem* pela Via Láctea juntamente,  
Convocados, da parte de Tonante,  
Pelo neto gentil do velho Atlante.

Deixam os Sete Céus o regimento,  
Que do poder mais alto *lhe* foi dado,  
Alto Poder, que só *co* pensamento  
Governa o Céu, a Terra e o Mar irado.  
Ali se acharam, juntos num momento,  
Os que habitam o Arcturo congelado  
E os que os Austro *tem* e as partes onde  
A Aurora nasce e o claro Sol se esconde.  
(CAMÕES, I, 20-21, 2010, p.17)

Mas Marte, que da Deusa sustentava,  
Entre todas as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De *antre* os Deuses em pé se levantava  
(*Merencorio* no gesto parecia),  
O forte escudo, ao colo pendurado,  
Deitando *pera* trás, medonho e irado.

A viseira do elmo de diamante  
Alevantando um pouco, mui seguro,  
*Por* dar seu parecer se pôs diante  
De Júpiter, armado, forte e duro;  
E, dando *hũa* pancada penetrante,  
*Co* conto bastão, no sólio puro,  
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,  
Um pouco a sua luz perdeu, como *infiado*;  
(CAMÕES, I, 36-37, 2010, p.22-23)

*Os Lusíadas* é uma narrativa cujo protagonista, Vasco da Gama, é um navegante. A história é essencialmente uma história de navegantes e, para além das questões históricas que são relatadas ao longo dessa grande viagem, há a descoberta de

novos lugares onde esses portugueses atracam seus navios, lugares esses cujas paisagens e pessoas são descritas na narrativa.

O quadrinho japonês (mangá) *One Piece* conta as aventuras do pirata Luffy, capitão da tripulação dos Piratas do Chapéu de Palha, o qual pretende obter o maior tesouro do mundo, o One Piece, que se encontra no destino final dos navegadores, assim como na obra de Camões o destino final é Calicute. No mangá, vê-se a descrição dos diversos lugares por onde os personagens passam, além da aparição de monstros, assim como ocorre na epopeia de Camões.

A chegada a Calicute é um exemplo de passagem recheada de descrições, da cultura e paisagem local, como se percebe nas estrofes 46, 47, 50 e 57 do Canto VII de *Os Lusíadas*:

O Gama e o Catual iam falando  
Nas cousas que lhe o tempo oferecia;  
Monçaide, entre eles, vai interpretando  
As palavras que de ambos entendia.  
*Assi* pela cidade caminhando,  
Onde *hũa* rica fábrica se erguia  
De um sumptuoso templo já chegavam,  
Pelas portas do qual juntos entravam.

Ali estão das Deidades as figuras,  
Esculpidas em pau e em pedra fria,  
Vários de gestos, vários de pinturas,  
A segundo o demónio lhe fingia.  
Vem-se as abomináveis esculturas,  
Qual a Quimera em membros se varia.  
Os cristãos olhos, a ver Deus usados  
Em forma humana, estão maravilhados.  
(CAMÕES, VII, 46-47, 2010, p.282)

Já chegam perto, e não com passos lentos,  
Dos jardins odoríferos *fermosos*,  
Que em si escondem os régios *apousentos*,  
Altos de torres não, mas sumptuosos  
Edificam-se os nobres seus assentos  
Por entre os arvoredos deleitosos.  
*Assi* vivem os Reis daquela gente,  
No campo e na cidade juntamente.  
(CAMÕES, VII, 50, 2010, p.283)

*Assi* falando, entravam já na sala  
Onde aquele potente *Emperador*  
*Nũa* camilha jaz, que não se iguala  
De outra *algũa* no preço e no lavor.

No recostado gesto se assinala  
Um venerando e próspero senhor;  
Um pano de ouro cinge, e na cabeça  
De preciosas gemas se adereça.  
(CAMÕES, VII, 57, 2010, p.285)

As imagens do mangá *One Piece*, em dois momentos quando os personagens chegam a uma nova ilha, fazem um paralelo com as passagens citadas de *Os Lusíadas*:

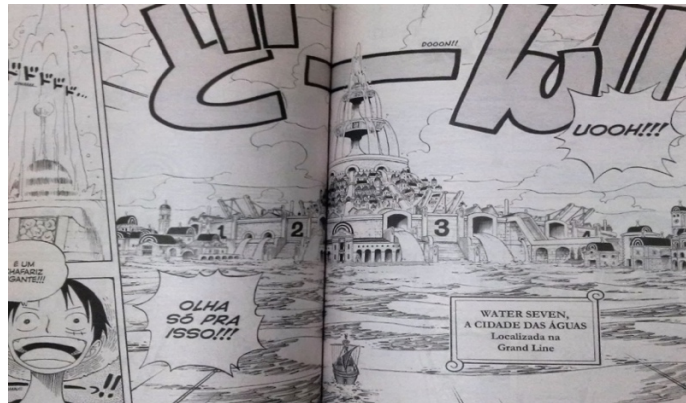


Figura 4: Luffy chega a Water Seven (Arquivo pessoal)



Figura 5: Luffy em Water Seven (Idem)

Na epopeia de Camões, a parte em que os portugueses chegam à Ilha dos Amores é outro excelente exemplo da capacidade do autor de provocar a curiosidade e

admiração do leitor por meio da forma como descreve o local. As estrofes 54 e 56 do Canto IX são provas dessa beleza na descrição:

Três *fermosos* outeiros se mostravam,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramíneo esmalte se adornavam,  
Na *fermosa* Ilha, alegre e deleitosa.  
Claras fontes e límpidas manavam  
Do cume, que a verdura tem viçosa;  
Por entre pedras alvas se deriva  
A sonora linfa fugitiva.  
(CAMÕES, IX, 54, 2010, p.356)

Mil árvores estão ao céu subindo,  
Com pomos odoríferos e belos;  
A laranjeira tem no *fruto* lindo  
A cor que tinha Dafne nos cabelos.  
Encosta-se no chão, que está caindo,  
A cidreira cos pesos amarelos;  
Os *fermosos* limões ali, cheirando,  
Estão virgíneas tetas imitando.  
(CAMÕES, IX, 56, 2010, p.357)

Em comparação, há um momento de grande deslumbre no mangá *One Piece*, quando os navegantes chegam a uma ilha no céu:



Figura 6: Luffy chega à Ilha do Céu (Ibidem)

Aproveitando o assunto da narrativa de viagem, pode-se dizer que essa empreitada dos portugueses vai ao encontro de alguns fatores presentes no “monomito” – um esquema criado pelo autor Joseph Campbell em seu livro *O herói de mil faces*, e

segundo o qual grandes narrativas, que fascinam as pessoas, seguem um mesmo padrão. Segundo Campbell, a famosa trilogia *Star Wars* baseia-se nesse padrão que ele descreveu em seu livro. A jornada de Vasco da Gama pode apresentar alguns dos fatores desse padrão, o que será, de forma resumida, mostrado a seguir:

1. O chamado da aventura: seria a partida de Vasco e sua frota de Lisboa.
2. O auxílio sobrenatural: seria quando Vênus, no Concílio dos Deuses, decide ajudar os portugueses em sua viagem.
3. A passagem pelo primeiro limiar: quando a frota de Vasco se depara com o gigante Adamastor, no Cabo das Tormentas, e tem o primeiro encontro com o sobrenatural.
4. O caminho de provas: quando os portugueses vão passando pela costa leste africana, atracando em cidades, deparando-se com culturas diferentes e pessoas por vezes não tão amistosas.
5. O encontro com a deusa e a sintonia com o pai: seria o momento em que Vasco pede ajuda a Deus para vencer uma tempestade marítima e Vênus o salva os da emboscada provocada por Baco.
6. A apoteose e a benção última: a chega da frota a Calicute.
7. A passagem pelo limiar do retorno e senhor de dois mundos: quando Vasco chega à Ilha dos Amores guiado pelas ninfas de Vênus e lá recebe a Máquina do Mundo.



Figura 7: Mestre Yoda treina Luke, em *O Império Contra-Ataca*. (Disney. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/livro-explica-furo-de-roteiro-em-filme-da-trilogia-original-de-star-wars.phtml>)



Figura 8: Vasco da Gama perante Adamastor. (Disponível em: <https://www.cnc.pt/os-lusiadas-de-luis-de-camoes/>)

## CONCLUSÃO

Jauss (1978) afirma que “A arte do passado não nos interessa só pelo que ela foi, mas pelo que, em certo sentido, ela ainda é e nos convida a reassimilá-la”. Portanto, é importante refletir de que maneira os livros pertencentes ao cânone têm relevância para o leitor atual, de que maneira esse leitor pode se sentir tentado a experimentar tais leituras. Esse exercício de releitura dos clássicos pode se mostrar produtivo, ao mesmo tempo em que pode mostrar um significado e uma motivação para o leitor: isso pode perpetuar a obra. Assim como os mitos, as obras mantêm a existência enquanto significam algo para a coletividade.

Em se tratando de *Os Lusíadas*, a importância de se fazer ler a sua poética e a sua narrativa também pode ser importante devido à ideia de identidade de um povo que a obra traz, não apenas a do português, mas também a do brasileiro e as dos outros países que receberam a influência cultural portuguesa. Ainda que tal influência possa ter sido prejudicial em muitos aspectos aos povos que habitavam os territórios por onde os portugueses marcaram presença, o fato é que esses povos receberam e foram formados em parte também por essa história a qual, misturada às próprias histórias, também são parte dessas nações. Tomar conhecimento desse processo histórico é importante. No caso do Brasil, é indispensável aprender principalmente as culturas indígena, africana e portuguesa, que são as três maiores contribuições para a formação da identidade brasileira. E no caso da última, a obra de Camões, sendo uma narrativa que abarca os primórdios da nação portuguesa até os dias em que se iniciou a colonização do Brasil, revela-se uma obra de singular importância para estudo também das nossas raízes.

Este trabalho procurou apresentar o universo poético e narrativo de *Os Lusíadas*, levando em conta o seu contexto renascentista. Depois, tentou estabelecer uma relação do contexto da epopeia camoniana com o universo editorial e midiático contemporâneo no qual se insere o interesse pelos elementos, não só medievais, mas de resgate de narrativas de viagens e de mitos clássicos e do folclore europeu. Por fim, este trabalho propôs uma atualização da leitura de *Os Lusíadas* a partir dessas novidades do mundo editorial e midiático e do seu sucesso entre o público jovem, com temas encontrados dentro da epopeia.

A ideia é que ao estabelecer-se um paralelo com obras atualmente apreciadas pelos jovens possa haver uma contribuição para possíveis leituras do cânone e discussões das mesmas em sala de aula.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALEXANDRE, Silvio. *Livros de Literatura Fantástica fazem crescer o mercado editorial*. Publishnews, 6 de agosto de 2015. Mercado. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2015/08/06/livros-de-literatura-fantastica-faz-crescer-o-mercado-editorial>. Acesso em: 31 março de 2021.
- BARBOSA, João Alexandre. Introdução. In: GUINSBURG, J. *O Classicismo*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: Do ano Mil à Colonização da América*. São Paulo: Globo Livros, 2006.
- BUENO, Rodrigo Poreli Moura. *A Cultura Medieval sob o Ângulo das Imagens Cinematográficas*. In: XVII Simpósio Nacional de História. Natal: ANPUH, 2013.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Abril, 2010.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 2014.
- CLAUDIO, Ivan. *Mitologia em alta*. Revista Istoé, 30 de março de 2012 - atualizado em 21 de janeiro de 2016. Cultura. Disponível em: [https://istoe.com.br/196765\\_MITOLOGIA+EM+ALTA](https://istoe.com.br/196765_MITOLOGIA+EM+ALTA). Acesso em 06 de abril de 2021.
- COSTA, Isabel; ÁVILA, Marina; FIGUEIREDO, Mônica. *Os sucessos milionários da literatura de fantasia. Vale investir?*. Canal FDR, 16 de julho de 2019. Letras&Livros, episódio 04. Vídeo. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=rRyNvFhg\\_M4](https://www.youtube.com/watch?v=rRyNvFhg_M4). Acesso em 5 de abril de 2021.
- DRAGONE, Maria Lucia Oliveira Suzigan; FERRARI, Patrícia Gomes Barca. *Prática de leitura de clássicos no ensino fundamental no entendimento de alunos e professores*. Revista Brasileira Multidisciplinar – ReBraM, Vol.23, N.2, 2020.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. (Trad. Pola Civelli). São Paulo: Perspectiva, 1972.
- JAUSS, Hans Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Editions Gallimard, 1978. p.109
- LIMA, Ana. *Cultura nerd e oportunidades para o mercado editorial*. Record, 9 de março de 2016. Blog. Disponível em: <https://www.record.com.br/cultura-nerd-e-oportunidades-para-o-mercado-editorial/>. Acesso em: 5 de abril de 2021.

- MAFRA, Núbio Dellane Ferraz. *Leituras à revelia da escola*. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em <http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/leitura-revelia/escola/.pdf>. Acessado em: 20 nov. 2016.
- NASCIMENTO, Dalma Braune Portugal do. *Idade Média: Contexto, Celtas, Mulher, Carmina Burana e Ressurgências Atuais*. Niterói: Parthenon Centro de Artes e Cultura, 2015.
- OLIVEIRA, Maria Lúcia Wiltshire de; SANTOS, Jane Rodrigues dos. *Literatura Portuguesa I volume 1*. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2013. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/13784>
- RIBEIRO, Lúcia Helena Marques. *Literatura, Mito e História*. Brasília: UnB, 2017.
- \_\_\_\_\_. *O mito como reconstrução permanente na Literatura Portuguesa*. Brasília: UnB, 2017.
- ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. (Trad. Lia Wyler). Rio de Janeiro: Rocco, 2003.